

CONSTRUÇÕES LEXICAIS COMPLEXAS CONSTITUÍDAS COM O VERBO “LEVAR”: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE CONSTITUTIVA

ELIANE FERRAZ ALVES
(UEPB-Brasil)

Este trabalho integra um estudo mais amplo que tem, como principal objetivo, descrever, constitutivamente, o funcionamento semântico-sintático-pragmático de construções lexicais complexas constituídas com o verbo "levar" - CLC(L)s: *levar na conversa, levar uma surra, levar um frango, (não) levar recado prá casa* etc. Para a realização desse processo descritivo, partimos de dois direcionamentos básicos: o primeiro esteve centrado em uma proposta de análise funcionalista não - ortodoxa, cujas bases teóricas têm, como principal preocupação, realizar as análises lingüísticas no discurso; o segundo esteve centrado em uma proposta de análise constitutiva, como propõem Franchi (1972) e Marcuschi (1995). Esses direcionamentos teórico-metodológicos, no entanto, só puderam ser visualizados de uma forma mais completa, quando foram reunidos, os três planos de análise (semântico, sintático e o pragmático), em um só esquema representacional, que segue, de certa forma, a orientação de Pustejovsky (1995).

Dessa maneira, foram submetidas a uma análise, que Pustejovsky (1995) denomina de co-composicional, 55 CLC(L)s, coletadas em sessenta entrevistas do **corpus** oral VALPB - Variação Lingüística do Estado da Paraíba (Oliveira et alii:1996).

Um olhar menos comprometido com uma corrente lingüística específica, permitiu que, indutivamente, as perspectivas teóricas de análise fossem surgindo, fato que possibilitou uma abordagem teórica diversificada que encaminhou para a constatação de que essas correntes não eram tão diversas assim e estavam, de certa forma, interligadas.

Dessa maneira, a proposta de análise constitutiva para as CLC(L)s, inspirada em trabalhos de Franchi (1977) e também de Ilari (1996) e, em parte, em estudos de Possenti (1993) e de Parret (1988), permitiu chegar a alguns dos princípios funcionalistas, em virtude de termos considerado essa corrente lingüística como uma espécie de macro-corrente, para onde podem convergir várias linhas de estudo lingüístico, desde que tenham, como objetivo principal, contribuir para uma compreensão geral desses fenômenos e não apenas para investigar, a partir deles, os propósitos ou funções comunicativas. Assim, não só o usuário foi considerado, neste estudo, responsável pelo estado e forma da língua em cada momento de sua estrutura e funcionamento, como apresenta Votre et alii (Cf.1996:27), ao tratarem de questões fundamentais na definição de um paradigma para a lingüística funcional, mas foram consideradas, também, as características de funcionamento semântico-sintático-pragmático da língua, o que faz parte de suas possibilidades. Nesse sentido, concebemos a língua como um produto de suas próprias regras que, por sua vez, resultam da influência que recebem através da experiência do mundo concreto e que atinge o sistema conceptual, abstrato de cada falante.

A concretização de nossa proposta de análise constitutiva iniciou-se quando, após concluirmos cada etapa de análise, com as particularidades que afetam as CLC(L)s, detectadas no corpus analisado, representamos co-composicionalmente, com base no modelo de Pustejowsky (1995), as diversas ou possíveis formas de realização discursiva desse tipo de construção. Assim, sem nos servirmos de todo o seu esquema representativo, mas apenas de alguns dos fundamentos propostos por esse lingüista, pudemos chegar a um modelo descritivo que pode contemplar quase todos os planos de análise apresentados neste estudo.

Pustejowsky, embora não presente, no estudo citado (1995), uma proposta de descrição para o fenômeno lingüístico aqui denominado de CLC(L), procura, a partir de uma distinção entre "**monomorphic languages**" - teoria que concebe os itens lexicais e as frases complexas de uma língua em termos de sentido literal, ou seja, denotativamente - e "**unrestricted polymorphic languages**" - os sentidos das palavras são determinados pelo contexto, não há restrição para o sentido que um item lexical pode assumir - reunir em um só modelo de descrição, observando os níveis de representação **A (estrutura Argumental)**, **E (tipo de Evento)**, **Q (estrutura Qualia)** e **I (Herança lexical)**, características dos itens lexicais que devem apresentar os mais urgentes direcionamentos para uma atualizada teoria lexical semântica: a) explicar a natureza polimórfica das línguas; b) caracterizar a semânticidade das sentenças de uma língua natural; c) captar o uso criativo das palavras em contextos novos; e d) desenvolver uma rica representação semântica co-composicional.

Seguindo as linhas teóricas apresentadas e procurando integrá-las ao modelo proposto por Pustejovsky (1995), pudemos, com base nas idéias que consideramos essenciais para explicar o processo de constituição de sentido das CLC(L)s, ter uma compreensão diferente das expressões idiomáticas ou dos chamados idiomatismos lingüísticos, que podem se realizar na forma de CLC(L)s.

As CLC(L)s, além de serem construídas com base em procedimentos cognitivos têm, por meio de uma técnica de transposição parafrásica, seu significado, em termos co-textuais e contextuais, metafóricos ou metonímicos, resultante da participação das funções dos elementos que as constituem. Em outras palavras, o sentido das CLC(L)s é composicional ou, mais precisamente, co-composicional.

Resta-nos, ainda, saber de que forma isso ocorre: não basta identificar a função de cada elemento, tendo em vista que, nas CLC(L)s, ocorre um processo de troca de funções: o elemento recorrente (o verbo) influencia e recebe influência do elemento variável (na maioria das vezes, um nome). A idéia de "troca" encaminhou-nos para o conceito de "entropia", não no sentido que é usado pela teoria da informação, mas sim em um sentido aproximado do que é apresentado pela Física, visto que ocorre realmente uma troca de valores semânticos e de funções, tendo sempre por base, ou ponto de partida, ponto de força, o "nome" que constitui a CLC(L), considerada como um sistema aberto, um sistema que resulta de um processo de entropia lingüística construcional. Com base nesse argumento, concluímos que a variação funcional do verbo "levar" pode ser representada da seguinte forma:

$$(1) \Delta VL (FP) = VL (FS) + N \Rightarrow CLC(L)$$

Temos, nessa representação matemática, a noção de que o verbo "levar" só passa de uma função primária (a função de predicador) para uma função secundária (verbo suporte), ou seja, só sofre variação funcional, se estiver intrinsecamente relacionado com um nome (ou variações) constituindo, assim, uma CLC(L). Assim, na seguinte contextualização discursiva, podemos observar que o processo constitutivo da CLC(L) "*levar um pau*" apresenta motivações internas (lingüísticas e psicológicas) e motivações externas (discursivas), como propõem Bolkestein & Hengeveld (1995), para quem um modelo de análise funcional deve se adequar à linguagem de três diferentes formas: tipologicamente, atendendo, sícronicamente e diacronicamente, às diversas possibilidades do sistema lingüístico - **adequação tipológica**; psicologicamente, envolvendo a competência e o desempenho lingüístico - **adequação psicológica**; e, pragmaticamente, descrevendo fenômenos gramaticais, relacionando-os às funções comunicativas.

Contextualização discursiva:

"E* Você lembra de alguma história marcante que aconteceu com você e seus irmãos?"

F* Tem muita mas a que marcou mais foi com a minha irmã mais velha que tinha um disco. Mas eu queria escutar muito esse disco e ela não deixava. Aí foi uma vez que ela chegou do colégio, aí eu tava escutando que era da Xuxa. Aí ela começou a gritar comigo, aí pegou desligou a radiola e quebrou meu disco todinho. Aí nós duas começou a **brigar**, ela me arranhou todinha de unha. mas só que eu nem **fiquei apanhada** e nem ela. Todas duas *levou um pau*."

(VALPB, DPQ, 1NF)

É, em contextos discursivos como esse, que observamos as variações/mudanças funcionais apresentadas pelo verbo "levar", integrante de CLC(L)s, para o que postulamos:

- a) o verbo "levar" perde o poder funcional de predicar;
- b) a função de predicar passa a ser exercida pelo nome;
- c) o verbo "levar" diminui o seu valor semântico visto que os sentidos do verbo "levar" como item lexical pleno passam a depender do sentido metafórico ou não-metafórico do nome (ou variações) que constitui a CLC(L);
- d) o verbo "levar" assume, na qualidade de verbo suporte, as seguintes funções gramaticais que dependem das propriedades categoriais do nome (ou variações), e não do verbo: veiculador de sujeito, veiculador de objeto, veiculador de sentido passivo, veiculador de sentido aspectual, além das funções gramaticais de número, pessoa, tempo, modo;
- e) semanticamente, o verbo "levar" passa, ainda, por um processo de abstratização, quando perde o sema + transferência;

Saindo do plano da abordagem isolada do verbo "levar" e passando a considerar as CLC(L)s integralmente, tivemos a possibilidade de reduzi-las a um verbo que denominamos de desperifrásico, ou seja, o verbo que desfaz a perífrase lexical complexa, parafraseando-a. A partir dessa transposição, mecanismo de análise que utilizamos, depreendemos os vários tipos de funções, levando em consideração, não só o verbo desperifrásico, mas o contexto e o co-texto discursivo em que a CLC(L) está inserida.

Para aceitarmos a técnica de transposição como legítima, tivemos de admitir, também, que as CLC(L)s são produzidas em nível cognitivo, ou seja, são construções que têm seus diversos sentidos garantidos por processos cognitivos de base metafórica (sentidos mais opacos, mais abstratos) ou apenas por processos metonímicos (sentidos mais transparentes e, de certa forma, mais concretos). Assim, da organização sintagmática, constituída de um Verbo +

Nome, passamos para uma organização não-sintagmática, mais ideacional, a partir da qual todos os elementos envolvidos participam da constituição de sentido de forma composta e, ao mesmo tempo, com funções semântico-sintático-pragmáticas bem definidas.

Nesse processo de troca de funções que resulta em uma participação funcional maior, ou seja, resulta em uma ampliação de sentido para as CLC(L)s, o elemento que mais se descaracteriza é o elemento lingüístico recorrente, no caso, o verbo "levar"; e o "nome" é a parte que pode se renovar, é o elemento lingüístico definidor do processo de construção lexical complexa, através da transferência de suas propriedades predicativas resultantes ou não de um sentido literal. Como esses elementos interdependem, embora cada um dê a sua contribuição funcional, existe uma espécie de acordo entre as partes constituintes, que só pode ser explicado através do processo de entropia lingüística construcional: os elementos lingüísticos perdem força semântica, predicativa, enfim, funcional, mas essa perda é reorganizada dentro dos limites da própria construção lexical, o que não impede que as influências externas contextuais e contextuais também participem deste processo.

Tais reflexões, comprovadas em análise procedida integralmente, nos encaminharam para a linha de raciocínio de Mondada e Dubois (1995) que apresenta dois tipos de processos lingüísticos: o processo de estabilidade lingüística - estabelece uma relação entre as categorias e as propriedades do mundo, ou seja, para as categorias serem descategorizadas, devem sofrer o efeito de mudança de contexto ou de ponto de vista - e o de instabilidade lingüística - ligado às ocorrências lingüísticas, refere-se a processos que se desenvolvem no seio das interações individuais e sociais com o mundo e com os outros; processos esses, determinantes dos sentidos resultantes dessa instabilidade. Transferindo tais idéias para o campo de estudo das CLC(L)s, podemos afirmar, com base nas análises realizadas, que essas construções resultam de um processo de instabilidade lingüística, visto que cada nova construção depende da vontade do falante, da sua Representação Social, da situação comunicativa ou do momento da enunciação; ao mesmo tempo, as CLC(L)s resultam de um processo de estabilidade lingüística, que pode ser previsto na língua: regras semânticas (papéis temáticos), semântico-sintáticas (dependentes da força predicativa do nome ou da categorização e subcategorização lexical) e de regras pragmáticas que determinam a organização e funcionamento do texto como um todo (nesse caso, as CLC(L)s foram consideradas como unidades comunicativas que podem fazer parte da organização local ou da organização global de um texto).

Nesse plano de análise - o plano pragmático - destacaram-se como função textual, pragmática (objetivo, finalidade do texto), o fato do falante fazer uso da CLC(L) como forma, talvez, para ele, simplificada, de enfatizar, reforçar, repetir

uma idéia anterior. Caracterizamos, em termos amplos, como um uso parafrásico, que, embora pareça simples, resulta de processos simbólicos complexos.

A paráfrase foi vista como um mecanismo lingüístico de "transposição", (Parret:1988) que nós abordamos de duas maneiras distintas: a primeira, como mecanismo de análise, quando reduzimos as CLC(L)s a um verbo "desperifrástico" ou quando interpretamos o sentido destas construções utilizando novas "perífrases". Nesse sentido, pode-se perceber que tal mecanismo de análise não representou conflito teórico algum, embora esse tipo de procedimento analítico seja considerado, por muitos lingüistas, como tautológico. De acordo com Ilari (1996), o primeiro papel das representações semânticas deve ser não só o de exibir o sentido, mas também o de respeitar as características do processo de realização discursiva.

Nosso entendimento é o de que os estudos semânticos não podem fugir desse mecanismo de transposição que, de uma forma ou de outra, sempre será utilizado. Em outras palavras, quer seja através de fórmulas, regras, categorização ou subcategorização das classes principais, o sentido sempre será transposto e o que vai ser diferente são os diferentes tipos de paráfrases ou de transposições utilizadas: a paráfrase propriamente dita ou transposição discursiva; a paráfrase interpretativa ou transposição hermenêutica e a paráfrase metalingüística ou transposição científica (Cf. Parret,1988: 224).

A segunda maneira com que abordamos a paráfrase recai na forma, nas estratégias de que o falante dispõe para fazer progredir o discurso lingüístico e, principalmente, para utilizar esse mecanismo como estratégia no processo inter-comunicativo de compreensão lingüística. Tais estratégias são realizáveis, graças ao caráter polimórfico da linguagem, que aceita um falante enunciar "*Ela leva tudo na maldade*", "*Ela malda de tudo*" ou "*Ela considera tudo maldosamente*" como formas diferentes de dizer a mesma coisa; assim, para cada situação comunicativa, por razões diversas, apenas uma dessas formas é a escolhida. A "instabilidade" do uso ou a relativa liberdade para usar uma dessas estruturações é garantida pela "estabilidade" dos papéis de participação dos elementos lingüísticos envolvidos. Assim, seja qual for a forma expressa, exteriorizada, a informação estará sempre centrada no sujeito de terceira pessoa "Ela", que participa como experienciador do processo mental "MALDAR", embora apenas a identificação dessas funções não seja suficiente para a descrição desse tipo de fenômeno lingüístico.

É nesse ponto que a distância entre o sentido considerado "literal" e o "não-literal" se estreita cada vez mais, visto que o que vai discretizar as CLC(L)s ou verbos desperifrásticos correspondentes, não são apenas as características lingüísticas dos elementos constituintes das CLC(L)s, é o contexto e o co-texto onde ocorrem, é o momento da realização, é a participação do falante ouvinte no processo de comunicação, pois, do ponto de vista semântico, essas construções

representam concretizações lingüísticas de princípios mais gerais que sustentam constitutivamente a própria organização da realidade.

Feitas tais considerações, podemos apresentar mais algumas idéias resultantes desse estudo lingüístico:

a) a importância da noção de transposição ou de paráfrase para explicar o sentido das construções lexicais complexas;

b) o sentido das CLC(L)s tanto é produzido pelos falantes, constitutivamente, como pode ser interpretado e representado, também, em termos constitutivos;

c) pode-se, a partir de uma construção central (processo de funcionalização primária) cujo sentido é estabelecido a partir de um determinado estado de língua, identificar sentidos derivados que, ao serem caracterizados como tais, passam a não ser relativos apenas ao verbo constituinte da CLC(L), mas sim, de todos os seus elementos constituintes;

d) não é o verbo "levar", constituinte de CLC(L)s, em processo de funcionalização secundária que é polissêmico, mas sim o verbo de sentido pleno, que mantém suas características funcionais primárias.

Portanto, a noção de que o verbo "levar" passa de um processo de funcionalização primária para um processo de funcionalização secundária, e ainda, a hipótese, nos termos em que apresentamos, de que o sentido das construções lexicais complexas é constitutivo, pode ser co-composicionalmente representado nos encaminhou para as seguintes constatações:

a) existe uma relação, condicionada por elementos discursivos generalizados, entre a face estrutural e a face funcional da língua;

b) os níveis - metodologia adotada apenas para efeito de análise - de realização lingüística, "semântico", "sintático" e "pragmático" estão interrelacionados e participam, constitutivamente, do processo de construção de sentido das CLC(L)s;

c) os falantes, quando produzem CLC(L)s, têm objetivos comunicativos específicos (intencionais ou não-intencionais): transmitir a noção de passividade; parafrasear idéias apresentadas anteriormente; deixar transparecer sentidos pressuposicionais; expressar ou concretizar melhor idéias que se configuram como Representações Sociais.

QUADRO I - Análise constitutiva

CLC(L): LEVAR UM PAU

1. Registro: "Todas duas **levou um pau** " (VALPB, DPQ, 1 NF)
2. Contextualização discursiva número 1
3. Transposição /nível cognitivo:
 - Processo de constituição de sentido: de base metonímica
 - Processo de reorganização semântico-sintática: entropia lingüística
4. Transposição hermenêutica: apanhar; ser surrado (verbo desperifrásico)
5. Transposição parafrásica: "Todas duas apanharam"
"X apanhou de Y"
 - 5.1. Níveis de representação:
 - 5.1.1. Estrutura argumental do verbo desperifrásico:
 - Predicação: P (A1, A2)
 - Papéis temáticos: A1: paciente, A2: agente
 - 5.1.2. Estruturação do evento: ação + Restrição contextual
 - 5.1.3. Estruturação **Qualia** :
 - Composição formal: verbo LEVAR + det: UM + nome: SURRA
 - Verbo suporte: levar
 - Veiculador de objeto (Y) e de sentido passivo
 - Nome de radical dinâmico: surra
 - Função textual: informar, explicando uma idéia apresentada anteriormente
 - 5.1.4. Herança estrutural:
 - Levar (item lexical pleno/funcionalização primária) > levar (verbo suporte/funcionalização secundária) + nome de radical dinâmico (processo de entropia lingüística construcional metonímica)
6. Unificação da transposição científica ou metalingüística: representação co-composicional:
 - Levar uma surra = V. Sup. (veic Y, SP) + N (RD) = apanhar/ ser surrado (A1:pa, A2: ag) \approx FT (informar explicando idéia anterior) _ "Todas duas apanharam/ foram surradas " \leftrightarrow ELC (met.)

Concluimos, com base no modelo de análise apresentado, bem como com base na análise procedida em 55 realizações de construções lexicais constituídas com o verbo "levar", que esse tipo de procedimento analítico não se fechou em si mesmo, pois teve, como principal papel, o fato de não só atestar a variação funcional desse tipo de item lexical, mas também de caracterizar esse tipo de

estruturação como uma construção lingüística específica, que depende, não só de sua constituição formal, semântica, sintática, mas, principalmente, do contexto situacional e das intenções comunicativas do produtor de textos.

Referências bibliográficas

- ALVES, Eliane Ferraz. 1995. *Construções lexicais complexas com o verbo "levar"*. Tese de doutorado. Recife, Pe, UFPE, mimeo.
- BOLKESTEIN, M. & HENGEVELD, K. 1995. *Formalizing functional grammar*. Conference on functional approaches to grammar. Albuquerque, Novo México (July, 24). University of Amsterdam.
- FRANCHI, Carlos. 1977. Linguagem - atividade constitutiva. *Almanaque* 5, p. 9 - 27.
- ILLARI, Rodolfo. 1996. *Memorial*. (estudos apresentados p/ concurso de Professor Titular). Campinas: Unicamp.
- MARCUSCHI, L.A. 1995. *Fala e escrita: características num continuum tipológico*. Projeto de pesquisa. Recife, Pe., mimeo.
- MONDADA, Lorenza e DUBOIS, Danièle. 1995. Construction des objets de discours et catégorisation: une approche des processus de référenciation. In: *TRANEL (Travaux neuchâtelois de linguistique)*, Suisse. Institute Linguistique Université de Neuchâtel. 1995, 23, 273 - 302.
- OLIVEIRA, Dermeval da Hora. (Coord.) *et alii*. 1994. *Projeto VALPb*. João Pessoa - Pb. UFPB.
- PARRET, Herman. 1988. *Enunciação e pragmática*. Campinas: Editora da UNICAMP.
- POSSENTI, Sírio. 1993. *Discurso, estilo e subjetividade*. São Paulo: Martins Fontes.
- PUSTEJOWSKY, James. 1995. *The generative lexicon*. Cambridge, Massachusetts, London, England: The MIT Press.
- VOTRE, Sebastião Josué *et alii*. 1996. O paradigma da gramaticalização. In: *VOTRE, Josué Votre et alii*. (orgs.) *Gramaticalização no Português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. UFRJ.